

IMPORTANTE:

Para montagem deste texto dirija-se pessoalmente ou por carta à :

SOCIEDADE BRASILEIRA DE AUTORES TEATRAIS (S.B.A.T.)

RUA DOS ANDRADAS, 1.234 - 14º ANDAR - SALA 1.407

EDF. SANTA CRUZ - PORTO ALEGRE - RIO GRANDE DO SUL

CÓDIGO DE ENDEREÇAMENTO POSTAL : 90.000

" M A R I A I Z A B E L "

(Monólogo)

Texto: Newton A. Araújo

Teatro de Arena

Av. Borges de Medeiros, 835

Fone: 226.0242 - CEP 90020-025

=ATO ÚNICO=

SITUAÇÃO:- O TEXTO A SEGUIR PODERÁ SER APRESENTADO EM ROTUNDA. AO ABRIR A CORTINA, JOÃO ENTRA EM CENA. MAL VESTIDO, DANDO MOSTRA QUE NÃO É UM HOMEM PERFEITAMENTE NORMAL. NO PALCO APENAS UMA CADEIRA E ALGUMAS FLORES. É NECESSÁRIO PARA ESTA MONTAGEM UM FUNDO DE VIOLÃO AO LONGE.

TÉCNICA:- (LANÇA FUNDO DE VIOLÃO.)

João:- Ah, a música ! Bendita inspiração dos deuses. A música de poetas, de namorados, de seresteiros. A música de recordações, de sonhos, de devaneios. Música de histórias, de passagens, de épocas. Música de professores, de profetas, de sábios. Música de pobres e de ricos. (CORRE AO CANTO DO PALCO E DÁ LONGAS GARGALHADAS.) Música maldita ! (GRITANDO.) Vá embora ! Vá embora ! (FICA ATERRORIZADO E CHORA.) Eu quero viver sem a música. Não posso mais ouvi-la, não, não. (EM SOBRESSALTO.) Quem vêm aí ? Quem vêm aí ? (MEIGO.) Maria Izabel, meu doce amor... (CORRE E AGENHA A CADEIRA.) Venha, senta-te aqui ! Quero admirá-la mais uma vez. (VAI ATÉ A ENTRADA DO PALCO E TRÁS A FIGURA IMAGINATIVA.) Venha, não receies. Sou eu mesmo. Teu poeta, teu cantor. (SENTA A ILUSÃO NA CADEIRA E AJOELHA-SE FRENTE A MESMA.) Que saudade. Pensei que não virias mais. Sabe ? Hoje colhi flores para você. Cravos, rosas, jasmims. Estão ali. Espere. Vou buscá-las. (CORRE ATÉ O CANTO E APANHA UM BUQUÊ DE FLORES DO CHÃO, DEPOIS VOLTA E COLOCA AS SOBRE A CADEIRA.) São bonitas, perfumadas. Tome, são para você. (RÍ-SE MEIO ASSUSTADO.) Busquei-as no campo santo. Tive que caminhar sobre sepulturas. Mas eles não me disseram nada. (SEGREDANDO.) São mortos ! Agente pisa até sobre seus cadáveres. E eles não dizem nada. (RINDO-SE.) Lá existe muitas flores. Muitos cravos, rosas, jasmims. (SÉRIO.) Não tenhas medo. As flores são suas. Estou lhe dando...

MEMBRADO
ATÉ 10 ANOS



Ninguém vai tirá-la de você. E depois estou aqui. Posso até cuidar. (EM SOBRESSALTO.) Você levantou-se? Não fique zangada, por favor. (FAZ CENA COMO SE ESTIVESSE SEGURANDO MARIA IZABEL.) Espere! Não vá embora! Não, não vá! Estou pedindo. (CORRE ATÉ A PORTA E CHAMA.) Maria Izabel! Maria Izabel! Volte! (VOLTA DESILUDIDO PARA A CADEIRA.) Por quê ela foi embora? Eu a amo. Amo-a loucamente. Sei que não terei forças para viver sem ela. Sei, sim. Oh, Maria Izabel, por quê de fostes? (PEGA O BUQUÊ DE FLORES DA CADEIRA.) Foram vocês, não? (COMO LOUCO.) Malditos cravos! (JOGA OS CRAVOS AO CHÃO.) Malditas rosas! (JOGA AS ROSAS AO CHÃO.) Malditos jasmims! (JOGA OS JASMINS AO CHÃO.) Todos são malditos. (APONTA IRADO PARA AS FLORES.) Viram? Foram vocês... (AJOELHA-SE JUNTO AS FLORES E CHORA.) Maria Izabel, por quê? (DEPOIS LEVANTA-SE VAGAROSAMENTE E ENCHUGA AS LÁGRIMAS.) E esta música continua. Parece que nunca terá fim. (COMO SE LEMBRA-SE DE ALGO.) Esta música... já ouvi antes, já ouvi antes... Mas onde? (RECORDA-SE.) Foi na festa de meu casamento. (RÍ.) Ela estava linda vestida de noiva. Era a mais bela de todas. Sim... agora me lembro. Bebia-mos muito. Depois, já alta madrugada, nos despedimos do pessoal e partimos para a lua de mel. (FICA ASSUSTADO.) Foi na serra... o carro corria bastante e depois... (EM SOBRESSALTO.) Não! Agora lembro-me bem. (CORRE ATÉ A PORTA.) Maria Izabel! Maria Izabel! Volte! Volte! Eu não a matei, não! Tems que acreditar em mim! Lembras-te? A porta do carro abriu-se e você foi jogada à distância. (DESESPERADO.) Não fui eu que a matei, viu? Pois eu gostava muito de você... (VOLTA PARA A CADEIRA.) Oh, querida.

TÉCNICA:- CORTA O FUNDO DE VIOLÃO E TUDO É SILÊNCIO.

(EM SOBRESSALTO.) A música parou! Não... não. Onde está a música que sempre me acompanhou? Eu quero a música dos deuses, dos poetas, dos namorados. (VAI DE UM LADO A OUTRO.) Onde está a música? Eu preciso desta música maldita. (PARA SÚBITAMENTE EM CENA.) Foi ela. Sim, foi Maria Izabel quem fez a música parar. (GRITA.) Eu quero música! Quero toda a música do mundo. Quero música de mensagem, de sentimento. (CHORA.) Quero sufocar a minha angústia. A minha mágoa, a minha dor. (FICA BREVE MOMENTO QUIETO.) Não devo chorar. Não devo mesmo. Se Maria Izabel não me quizer mais terá que pagar. E pagará com a vida. Não suportarei vê-la nos braços de outro homem. Não suportarei. (PENSATIVO.) Eu sei, ela não me quer mais. (CÍNICO.) Eu matarei Maria Izabel. (AGEITA A CADEIRA APRESSADAMENTE.) Sei que ela voltará aqui. Mas terá uma surpresa. (PEGA AS FLORES DO CHÃO.) Estes cravos, estas rosas, estes jasmims... Vocês ficarão para os funerais de Maria Izabel. Não, não murchem agora. Vocês vieram do campo santo. Lembram-se? Eu que os trouxe. Agora esperem. Juro que vocês voltarão para lá outra vez. E levarão ela. E cuidem de sua beleza, de sua serenidade, de sua menguice. Não murchem agora pois eu os levarei de volta. E caminharei por outras sepulturas. E os mortos nada dirão pois me conhecem. E sabem que eu só queria suas flores. (AGEITA AS FLORES.) Sinto que ela virá novamente. Pois tenho uma ânsiedade aqui dentro do peito. Sinto que ela virá, sim. Talvez para ver-me sofrer. (RÍ-SE.) Mas você verá, Maria Izabel. (PENSANDO.) Só não compreendo porque o casamento. Você dizia até que me amava. Não posso compreender mesmo. (TRANSTORNADO.) Talvez quizesse o meu dinheiro. Para gastar com o outro. (COM ÓDIO.) Maldita! Você tem que pagar por tudo. (ENTRA EM SOBRESSALTO.) Mas Maria Izabel morreu na noite de núpcias! Ela morreu... morreu... (PENSATIVO.) Como poderei matá-la se ela já está morta? (GRITA.) Maria Izabel, volte! Saia de sua sepultura! Saia que eu quero matá-la! (CORRE DE UM LADO A OUTRO FURIOSO.) Eu é que devo matá-la. Você me traiu. Venha! Mesmo que estejas nas profundezas do inferno! Venha aqui em minha frente pois eu matarei novamente. Você não pode ter paz em parte alguma do infinito. Os Deuses

IMPRÓPRIO



não lhe querem no além. Eu é que devo matá-la ! Para limpar minha honra, minha dignidade. (PEGA AS FLORES.) Venha, pois eu lhe darei cravos, rosas, jasmim. (OLHA PARA A CADEIRA E PARA EM SOBRESSALTO.) Você ? Você aqui ? (SOLTA AS FLORES COM CUIDADO NO CHÃO E FALA CALMAMENTE.) Não deves chorar agora. Pois nem mesmo tuas lágrimas en-
chugarei. E nem deves tremer, pois a noite é de luar e os campos es-
tão calmos. (TIRA UMA CORDA PEQUENA DO BOLSO.) Como vê, eu lhe ma-
tarei agora. Eu tenho de fazer, você sabe. (DE REPENTE JOGA-SE SOBRE
A CADEIRA E FAZ GESTOS COMO SE ENFORCASSE ALGUÉM.) Morra! Morra -
para sempre !

SITUAÇÃO:- (NO EXATO MOMENTO OUVI-SE UM GRITO DE MULHER. ANGUSTIAN-
TE. COMO SE ALGO TERMINASSE ALÍ.)

João:- (LEVANTA-SE SORRINDO EM ALTO TOM.) Eu a matei ! Eu a
matei ! Eu a matei !

= F I M =

IMPRÓPRIO
ATÉ 10 ANOS

Teatro de Arena
Av. Borges de Medeiros, 835
Fone: 226.0242 - CEP 90020-025

